Ecclesia



Tunko de 1955 Ano 7.º

M. 33



CAPITÃO-TENENTE

Daniel Pereira de Pina Cabral



os que trabalham em "ecclesía"

PRESTAM SENTIDA HOMENAGEM

DE MUITA SAUDADE

ÁQUELE QUE FOI SEU CONSAGRADO ADMINISTRADOR

DURANTE CINCO E MEIO ANOS



ÓRGÃO OFICIAL DA IGREJA LUSITANA CATÓLICA APOSTÓLICA EVANGÉLICA
(Aparece em Fevereiro, Abril, Junho, Agosto, Outubro e Dezembro)

DIRECTOR:

EDUARDO H. MOREIRA Rua das Janelas Verdes, 32-LISBOA-Telef, 66 4729 •

ADMINISTRADOR:

DR: DANIEL DE PINA CABRAL Rua da Infanta Dona Maria, 97 — PORTO — Telef. 62720



Q U EM tivesse folego para arquitectar um tema grado como o teve o nosso querido Amigo Dr. Fidelino de Figueiredo ao escrever, há vinte-e-três anos, "As Duas Espanhas", livro precioso e profundo para se meditar, concordar ou discordar em qualquer pormenor, mas sempre para admirar, poderia fazer também a evocação de "Os Dois Brasis".

Um desses seria a "Terra de Santa Cruz", o chão virgem que os Portugueses violaram, alguns

acesos em cobiça tôrpe; outros muitos movidos pelo espírito de aventura, pois se não é impunemente um nativo hispano, mestiço de tantos sangues vagamundos; outros guiados pelo ideal santo da Cristianização, fosse qual fosse a altura doutrinal de cada um.

Esse Brasil continua presente no espírito português e encontra réplica fácil no lhano abraço de tantos brasileiros. É o Brasil da língua das nossas Mães, modulado embora em novas inflexões, de suavidade tal

que levou alguém a chamar-lhe "português com acúcar".

É o Brasil das nossas tradições, traduzidas por tapuias e tuninambás, por bantos e iorubas, mas conservando muito do poético simbolismo das nossas raízes étnicas. É o Brasil da Fé Cristã, que se mantém na multidão fiel a Roma e nos grupos que dissidem em liberdade, como direito humano e privilégio constitucional. É o Brasil que, ao lado da toponímia e da antroponímia tupi-guarani se

enriquece de tantas réplicas das nossas vilas e cidades e das nossas velhas famílias, de forma tal que o português ali se sente em casa.

É, enfim, um Brasil que não pode — nem quer — enjeitar a sua origem, com todos os numerosos defeitos e todas as altas virtudes da nossa estirpe.

O outro... seria o Pindorama maravilhoso, de flora e fauna para nós exóticas, Brasil de onças e cipós, de borboletas enormes e aves pequeninas, de cem cores; de rios monstruosos; de

SUMÁRIO DO N.º 33

brasii	•	•			•	•	1
Reminiscências e	Perspec	tivas		•	٠.		2
Sermão de cinco	minuto	s, R	ev.	A. F.	Arbi	ol	4
O Grande Cisma e	ntre o	Orien	le e	o 00	iden	e,	
Dr. João Gre	gg, Arc	ebisp	o de	e Arm	agh		5
Lusogramas .					•		8
Coisas da Ética!	Rev. A	. P.	Arai	ίjο			9
Lauda Poética, Victor Sampaio, e J. P. Cabral						al	11
O Livro e os Livr	os						12

cenários mágicos; que ainda alberga a nudês ingénua do selvícola a par das obras de arte duma civilização requintada. É o Brasil cosmopolita, senhor de si, que vai digerindo com rapidês espantosa grupos raciais os mais heterogéneos: italianos e eslavos, espanhois e japoneses, anglosaxões, alemães e sírios; um Brasil que nos conhece menos, ou nos conhece mal, que toma às vezes o efeito pela causa e os sentimentos pelos propósitos; que, não tendo o impulso dos puros afectos, traduz os factos friamente, olhando o presente que conta e desdenhando o passado que o preparou.

O indivíduo que vive nessa dupla brasilidade, ou se filia inteiramente numa das actividades sensacionais que ela cria ou, o que supomos mais vulgar, vive oscilando ao sabor dos momentos da vida pessoal ou colectiva, o que é muito humano. O Portugal cristão reformado, que deu ao Brasil duas ou três dezenas de pioneiros e caboqueiros do seu evangelismo, mas que por cáficou sem cotação estatística nem intelectual, pouco ou nada tem podido fazer para criar uma "aproximação" digna de tal nome. E agora, assistindo ao lavrar dos instrumentos legais laboriosamente conseguidos, primeiro pelos Poetas, depois pelos Sábios, a seguir pelos Académicos e Diplomatas, e porfim ratificados pelos próprios Chefes da governação dos dois povos, este pequeno grupo, esquecido dos outros e de si mesmo, mais não faz que acompanhar os seus conterrâneos na alegria singela do povo pelo espectáculo dessa aproximação.

Que o façamos, ao menos, conscientemente clamando também:

Salvé Brasil!

REMINISCÊNCIAS E PERSPECTIVAS

A prudência da Cúria Romana pareceunos um tanto cansada, em alguns dos seus últimos aspectos; por exemplo, ao

permitir ou não desaprovar, que saibamos, a luta aberta pela supremacia, na Argentina e na Bélgica. Não é esta, em nosso parecer, a sua arguta tradição. Como na Colômbia e noutros pontos, do conhecimento geral, a intolerância de elementos primários foi bem sucedida, talvez por isso se não aconselhou agora moderação ao clero argentino e aos partidos populares de vários outros países. Só o procedimento de Pio XII com o Cardeal Segura, na quixotesca intransigência deste em prol dum espanholismo filipino, abençoando-o paternalmente mas ao mesmo tempo colocando junto dele um "controlador", esse procedimento, sim, tem a marca perfeita da velha diplomacia vaticana.

Numa revista brasileira, "Unitas", onde por vezes se escrevem coisas magníficas, lemos há tempos (vol. XV, n.º 8) uma apreciação do interessante tratado do Rev. Jorge Mota, "A Interpretação da Bíblia", onde se diz: "Observamos que o autor faz várias citações de autoridades católicas

romanas. Não sabemos com que objectivo. Se tivesse deixado de lado essas citações, nada perderia o trabalho, e ninguém ficaria com dúvidas

sobre o "porquê" das mesmas. Os papas e outras autoridades semelhantes, nada nesse campo têm a ensinar aos protestantes. Esse espírito científico e crítico na interpretação da Bíblia é fruto do movimento cultural do protestantismo". Supomos que as iniciais L. B. pertencem ao sr. Lauro Bretones, a quem se devem algumas elucidativas mensagens. Mas por aqui ficamos sabendo que esse A., com quem nisso não podemos concordar, entende que a Reforma foi fruto de geração espontânea; não crê que "Lutero não cantara se Lyra não lyrara". Que atrás de Calvino está d'Étaples, etc., etc. — matéria bem conhecida. E mesmo que se os baptistas não são protestantes, como alguns afirmam para efeitos de propaganda, também não surgiram do nada. Pois nada no mundo nasce e vive em compartimento estanque. Nós, que pomos a intolerância anabaptista ao lado da romana quinhentista, podemos citar, quando haja proveito nisso, os descendentes espirituais duns e doutros; e pondo a glossolália, ou "falar línguas" dos pentecostais a par do latim litúrgico e das outras línguas mortas usadas pelas igrejas do Oriente, não pomos dúvida em citar o que haja nestes e naqueles de contributo honesto para uma sempre melhor compreensão dos Sagrados Textos. O objectivo do Rev. Mota é para nós bem claro: é objectivo, e está dito tudo. Está isento da subjectividade sectária. Não será pelo caminho do desprezo que melhor atingiremos o "espírito da nossa vocação".

-

Também chegados desse já imenso Brasil cristão reformado, encontramos aqui leitura bem recente e bem oportuna. Dois excelentes artigos, entre tantos outros que nos aparecem para nos esclarecer e reconfortar. Um, em "O Puritano" de Abril, é de Eudaldo Lima e intitula-se "Ufanismo Perigoso", onde se propugna a "re-evangelização dos crentes e até dos pastores que divorciam a religião da ética", ilustrando a necessidade apontada com vários factos que nos não pertence discutir em pormenor. Uma frase, que corresponde ao nosso pensamento, esbocado desde há anos: "Este fenómeno de ufanismo, se não estou equivocado, está penetrando nos arraiais evangélicos... Estará crescendo mesmo a Igreja proporcionalmente ou está engodada com a "inflação", como essa gente que hoje tem um salário dez vezes maior que o de há dez anos e se esquece que o dinheiro é muito, mas pouco compra?" Realmente, cá e lá, Deus nos livre destes complexos. O outro artigo que gueremos citar é de R. Camacho e vem no "Fundamentalista", de S. Paulo. Intitula-se "Os erros do Pentecostismo" e mostra-nos como essa seita está trazendo grande confusão aos arraiais evangélicos. Não podemos transcrever, nem mesmo resumir a excelente doutrina que aí vem expandida, ainda que nos reservemos para o citar noutras ocasiões, em especial o trecho duma homília de S. João Crisóstomo sobre os milagres.

A "Vida de Cristo" na Emissora Nacional, na Semana Santa, foi uma lição magnífica de cristianismo. O próprio texto dos Evangelhos era repetido, por entre comentários e evocações inteligentes, obra de um autor católico-romano, que se redimia, a nossos ouvidos, das calúnias e destemperos que meses antes se lhe ouviu. Que bem lidas foram as palavras do Santo Evangelho!

Que lição excelente no diálogo, perfeitamente conduzido! Como assim se fazia viver a mensagem cristã, a tantos ouvidos pouco habituados a ela! A voz de Raul de Carvalho mereceria ser escutada como modelo de leitores bíblicos. Só poríamos uma certa reserva à maneira como se procurou representar a voz do Senhor Jesus, que nos pareceu monofónica, duma solenidade menos natural, sem as modulações interpretativas dos sentimentos humanos, que no Mestre seriam perfeitas, sublimemente divinas na Sua essência e admiravelmente humanas na sua expressão. Mas quem poderia bem representar a expressão verbal de Cristo, nosso Senhor?

0

Um bispo católico-romano dos Estados Unidos, Fulton Sheen, a quem se atribui a conversão ao cristianismo de comunistas como Luis Budentz e de capitalistas como Ford II, e também da embaixatriz Mary Luce, (tema duma nossa referência de há tempos) trata os assuntos actuais com uma franqueza inusitada; e nota a astúcia do sovietismo quando apresenta aos asiáticos os factores morais do seu programa, enquanto a inépcia ocidental, esquecida do Eyangelho que outrora nos informou a moral, lhe envia as manifestações materialistas da sua "superindústria". Jorge Goulart, competente crítico cristão, fez justas considerações a esse respeito, terminando assim: "Entretanto nos pomos de sobreaviso, tão acostumados estamos a verificar o bifrontismo romanista e o seu oportunismo, e nos reservamos para em tempo oportuno verificar até onde vai o humanismo de Fulton e o seu alvo espiritualista". Por nossa parte o desejo sincero que expressamos é que esse bispo e muitos outros sejam os expoentes da ética cristã, que nunca se apaga por completo em nenhuma seita ou escola derivada do Evangelho.

0

Por iniciativa dum animoso e inteligente jornalista catolico-romano, o Sr. J. Costa Moreira, reuniram-se por duas vezes no Palácio da Anunciada, em Lisboa, recebidos gentilmente pelo sr. Conde de Azinhaga, alguns crentes de vária confissão, no desejo de, sob o signo da "Boa Vontade", orarem e cultivarem o mútuo afecto.

NANAVE

Sermão de Cinco Minutos

Delo Rev. a. f. arbiol

O sangue de Jesus Cristo nos purifica de todo o pecado.

1a. S. 10ão 1-7

A paz de Deus seja convôsco.

O Estígio, segundo a mitologia, é um rio cujas águas tornam invulnerável quem nelas se banhar. Tétis, mãe de Aquiles, mergulhou nelas o jovem heroi, segurando-o por um calcanhar, único sítio onde mais tarde pôde ser ferido. As águas deste rio lendário fazem lembrar o sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo que purifica toda a mancha do pecado. Às vezes penso na falta que fariam estas palavras na Escritura, se lá não estivessem. Elas têm suscitado a muitos criminosos e malfeitores o arrependimento de seus actos, mediante o qual têm podido haurir o balsamo do amor de Deus. Eu não creio que o pecador arrependido e contrito possa ser insensível a estas palavras. Elas devem constituir a maior alegria da sua vida. A pesar de possuir poucos ou nenhuns conhecimentos de hematologia, não ignoro o valor do sangue. Ele é tão necessário à vida que, muitas vezes, por meio da transfusão, se tem passado das veias dumas pessoas para as de outras, com o fim de se lhes salvar a vida. A morte de Cristo, na cruz, qual operação deste género, salva por meio do sangue derramado, todo aquele que crê. O sangue de Jesus confére ao pecador a paz e felicidade da sua alma. Não há pecado, por maior que seja, que ele não purifique. (Isaias 1-18) A maior grandesa do amor de Deus consiste na dádiva de Seu Filho e a maior grandesa do amor do Filho consiste em dar-se a Si mesmo em resgate dos pecados de todo o mundo. O sangue foi sempre um elemento de libertação. Houve tempos em que os agravos entre ofensores e ofendidos se derimiam por meio dos duelos, os quais eram admitidos como prova jurídica. Dir-se-ia que o sangue derramado no campo da honra punha termo ao conflito que havia dado origem ao combate. Segundo a lei moral, o ofensor é que devia morrer, mas isso nem sempre acontecia. Nosso Senhor Jesus Cristo, ofendido pelos pecadores, ultrajado pelos inimigos da fé, atingido pela blasfémia de incrédulos e vítima dos seus perversos algôses, morre em lugar de todos; e morre para os salvar. A morte de Cristo não visa sòmente a substituição, visa também a redenção. Oh! sangue precioso de Jesus! Ele lava aquilo que toda a água do mundo não pode lavar — o pecado. Pilatos, ao lavar as mãos em água, para declinar a responsabilidade da condenação de Cristo, ainda as sujou mais, porque viu na limpidez dessa água o reflexo da sua culpa e a perturbação da sua consciência. Oh! sangue precioso de Jesus! Assim como a vida dos Israelitas foi poupada por terem espargido as umbreiras das portas com o sangue de um cordeiro, assim todos aqueles, qualquer que seja a sua nacionalidade, que espargirem as suas almas, por um acto de fé, com o sangue do Cordeiro de Deus, derramado na cruz, serão do mesmo modo poupados à morte espiritual. Jesus nos diz que quem crêr n'Ele e guardar a Sua palavra, não verá a morte e passará da morte para a vida. (S. João 5-24) Oh! sangue precioso de Jesus! "Na cidade de Deus", como diz um dos nossos hinos, " não entra o pecador". Quantos e quantos teriam de ficar de fóra, sofrendo horrivelmente com a visão do esplendor e glória de lá de dentro, se o sangue de Jesus os não purificasse da mancha dos seus pecados! A Bíblia fala de condenação. Que é a condenação e em que consiste ela? Eu creio ser sorte do pecador que deixa este mundo no estado de consciente rebeldia e impenitência. O seu sofrimento, como o do rico da parábola, consiste na contemplação do gozo e felicidade dos outros. Consiste, outrossim, na recordação pungente do mal que fez e do bem que deixou de fazer, das blasfêmias que proferiu, das ofensas que praticou, do ódio que alimentou e da bondade que despresou, da descrença que manifestou e da fé de que escarneceu. Também para estes o sangue de Jesus tem efeito purificador, desde que a tempo se arrependam, como o malfeitor na cruz. Oh! sangue precioso de Jesus! Sangue com poder absoluto de expiação. O Sangue dos animais destinados ao sacrifício era meramente um meio pelo qual o ofertante se apercebia dos seus pecados e um símbolo da sua expiação — do qual Jesus devia ser a realidade.

Oh! sangue precioso de Jesus!

O Grande Cisma entre Oriente e Ocidente

Um Senhor, uma Fé, um Baptismo.

É muito provável que poucas pessoas desta distante ilha, no extremo da Europa Ocidental, se apercebessem do significado inerente ao dia 16 de Julho de 1954. Mas nesse dia passou o 900.º aniversário de um dos mais graves acontecimentos na história da Igreja, depois que as Grandes Perseguições findaram. No dia 16 de Julho de 1054, os Legados do Papa Leão IX (que morrera três meses antes) depositaram no altar da Igreja de Santa Sofia, em Constantinopla, uma Bula de Excomunhão, declarando, em termos violentos, a rutura das relações entre a Igreja de Roma e a Igreja do Patriarcado Oriental.

Durante 200 anos — ou seja, desde a rutura temporária das relações entre o Papa e o Patriarca Photius — que havia uma incómoda tensão, com desentendimentos uns após outros; mas, nesta altura, a brecha não foi reparada pela habitual renovação de convívio fraternal.

Não pode dizer-se que a acção do Cardeal Umberto fosse totalmente isenta de provocação: seguiu-se a uma duríssima carta de Miguel Cerularius, o Patriarca.

Tais correspondências, infelizmente, não eram raras, mas este particular acontecimento foi origem de consequências provàvelmente de modo nenhum esperadas, apesar da violência dos anátemas empregados. Criou-se uma brecha que não voltou a remediar-se até ao dia de hoje, e subsequentes eventos cada vez mais afastaram a possibilidade de se remediar.

Essa brecha marca a cisão da unidade dentro da Igreja Universal — uma unidade entre o Oriente e o Ocidente que só a graça do Espírito Santo vinha mantendo através de tantas crises.

"O Oriente é o Oriente, e o Ocidente é o Ocidente, e nunca os dois se encontrarão", como já foi dito. E não admira que, entre o Oriente, com a sua pretensão de autenticidade e o seu amor de liberdade, e o Ocidente, com o seu legalismo e regimentação, não pudessem surgir compreensão mútua e paciência paternal: de um lado, um Papa que não admitia igual: do outro, um Patriarca que não reconhecia superior.

A Igreja Oriental, com os seus quatro Patriarcados, não olhou a rutura de comunhão com o Ocidente como um golpe de qualquer forma mortal. A Igreja Ortodoxa, considerando-se a si mesma, como sempre fez e faz, a Igreja Santa, Católica e Apostólica, viu o assunto com menos seriedade pelo lado eclesiástico, do que do lado político.

Com efeito, por este lado, as consequências da cisão eram evidentes a todos, e prometiam tornar-se mais graves, à medida que os anos passassem, com os bárbaros exercendo a sua pressão no Império Oriental, pelo Norte e pelo Este, e, subsequentemente, com as invasões dos turcos, que em 400 anos conduziriam à queda de Constantinopla e à destruição do Império.

De momento, porém, ninguém se apercebeu de que a Igreja de Cristo se rasgava num cisma, que mudaria inteiramente o curso da sua história. Porque enquanto a Igreja Oriental enfrentava essa crescente pressão e se concentrava numa mera resistência que lhe permitisse sobreviver, a Igreja do Ocidente entrava num período de crescente poder e consolidação que lhe

permitia — no que diz respeito à Europa — eclipsar completamente a apagada existência da Igreja Ortodoxa, para não falar já das suas pretensões eclesiásticas.

Não só apresentava uma imponentíssima fachada mas, geogràficamente, colocava-se entre a Europa e as terras ortodoxas; e assim, a Igreja dessas terras, ficando longe da vista, começou a ficar longe do conhecimento.

Foi desse modo que o Patriarcado Romano se sentiu livre para reclamar para si todas as prerrogativas da Igreja, Una, Santa, Católica e Apostólica, e para afirmar-se o centro do Cristianismo, de divina instituição. Esta confiante atitude conseguiu encandear os olhos de muitos no Ocidente, os quais esqueceram ser a Igreja Papal considerada pela Igreja do Oriente—tão exclusiva como aquela—cismática e herética. Pouco admira, por isso, que o Cardeal Manning tivesse sustentado ser o recurso à história da Igreja uma traição e uma heresia.

Pode ser-nos útil ponderar algumas de lamentáveis consequências deste cisma de 900 anos. A suprema calamidade é a auebra de unidade na lareia de Cristo. Enquanto houve uma unidade que a todos abrangia, o ensino da Igreia Una visível era claramente exposto perante o mundo. Mas. com dois sistemas mutuamente exclusivos, cada um pretendendo ser essa única sociedade visível, tal ensino ficou gravemente prejudicado. E, portanto, a influência, que na intenção divina, uma lareja, unida em si mesma, devia exercer sobre o mundo, ficou desastradamente enfraquecida. O mundo não diz mais — "Vede como os cristãos se amam uns aos outros". E se nós, cristãos, não pudemos persuadir-nos a nós mesmos, como poderemos persuadir o mundo?

Outra séria consequência emergente da perda de unidade é o desaparecimento da influência restritiva exercida por uma parte da Igreja sobre a outra, enquanto ambas as partes se reconhecem como pertencendo a um todo e, portanto, uma à outra.

A carta de Cerularius, escrita para chegar a Leão IX, especificava, sòmente, alguns assuntos de controvérsia, tais como o uso de pão não levedado na Eucaristia, ou o jejum de Sábado, muito embora, no fundo, estivesse a introdução no Credo da palavra "Filioque", que era e é considerada como grave ilegalidade dogmática.

Mas não demorou muito a aparecerem os frutos duma incontrolada independência. Passados 30 anos, temos as medidas do Papa Hildebrando contra o casamento do clero paroquial — um direito firmemente salvaguardado pela Igreja Ortodoxa até ao dia de hoje, e preservado para o clero "Uníata", que reconhece o Papa. Temos a declaração totalitária, feita em 1303, por Bonifácio VIII, na sua Bula "Unam Sanctam", segundo a qual é absolutamente necessário para a salvação que cada creatura humana se submeta ao Romano Pontífice.

Tais variações de doutrina e de prática, juntamente com os acréscimos feitos em 1564 pelo Papa Pio IV, em seguida ao Concílio de Trento, bem como os três outros acréscimos feitos à Fé Católica Romana nos últimos cem anos, foram possibilitados pela perda do equilibrante controlo de acções unilaterais que a unidade da Igreja produzia: E o certo é que tais variações parecem barrar, efectivamente, o caminho para qualquer restauração da unidade desta Igreja dividida.

Mas as referidas mudanças na fé e na prática são ainda responsáveis por um outro cisma. A Igreja Ortodoxa nunca sofreu uma Reforma, e ninguém pode dizer se — não se tendo separado o Oriente do Ocidente — o Protestantismo alguma vez surgiria numa Igreja indivisa, como surgiu numa Igreja dividida.

Todavia, uma coisa sabemos: é que foi na Igreja Ocidental, com as suas muitas alterações no Credo oficial, que divisão após divisão surgiu a separar o povo cristão.

A ideia de uma Igreja Visível foi enfraquecida e posta em perigo.

O sentido da unidade quási que se esqueceu até recentes anos, e a obediência disciplinada à autoridade tem sido largamente repudiada. Quando as Sagradas Escrituras deixavam de ser a regra de fé de última instância, e quando a Igreja deixou de ser visivelmente uma, o inevitável castigo revelou-se logo, na variada fragmentação hoje prevalecente no Mundo Cristão.

"Cremos na Igreja, Una, Santa, Católica e Apostólica". Assim reza o Credo Constantinopolitano, e assim confessamos nós Domingo após Domingo. Sem dúvida que a Igreja visível Una, a Esposa de Cristo, é o objectivo do propósito de Deus. Mas os factos como nós os vemos, deixam de corresponder a esse propósito, ao menos visívelmente.

À nossa volta, na Irlanda, vemos a Igreja Ocidental Romana e, como Igreja Reformada, não temos relações formais com ela, por causa do nosso vivo desacordo com a sua fé e prática.

E quanto à Igreja Oriental Ortodoxa? Que tem ela a dizer-nos? Com não menos insistência e exclusivismo do que a Igreja Romana, pretende ser a Igreja, Una, Santa, Católica e Apostólica, e o Canal da Graça de Deus divinamente instituido. A sua afirmação, de que mantém hoje o que sempre manteve, parece ser justificada, quando estudarmos o seu Credo. A Igreja Ortodoxa nada alterou dos padrões oficiais de Crença da Igreja indivisa dos primeiros nove séculos. E devemos não permitir que nos esqueçamos, ou por nossa culpa ou por acção daqueles que nos rodeiam aqui na Irlanda, esta firmeza e imutabilidade dogmáticas.

A Igreja Ortodoxa, que nunca procurou fazer proselitismo entre nós, em várias ocasiões, desde a Reforma, tem manifestado aos anglicanas o seu desejo de que estudássemos as nossas respectivas posições, a fim de nos conhecermos melhor uns aos outros. Eles sabem, tam bem como nós, que somos do Ocidente, e temos afinidades doutrinais com o Ocidente, enquanto que eles são do Oriente.

Sabem termos atravessado uma Reforma, que nos levou a colocar as Sagradas Escrituras—a palavra escrita—muito acima da tradição oral da Igreja.

Sabem termos reagido contra uma elaboração de exteriorizações no padrão dos nossos Ritos e Cerimónias, que cerceamos com mão austera.

Sabem termos sentido a influência do avanço dos descobrimentos científicos e do criticismo histórico, e ser o espírito moderno, da livre investigação, forte do nosso meio.

Consequentemente, reconhecem que estamos separados deles por diferenças de critério e temperamento, bem como por dissemelhanças de costumes e alguns pormenores de dogma.

Mas também sabem que nos esforçamos por assentar os nossos passos, tanto quanto é possível, na fé da Igreja Individida. E assim, embora saibam, como nós, que uma Reunião entre eles e nós está muito distante, acolhem uma livre discussão, tendente a que ambos nos tornemos mais conscientes da extensão das nossas diferenças, e da realidade das nossas semelhanças.

Todavia, não nos enganemos: a Igreja Ortodoxa é uma fortaleza bem guardada. A sua posição dogmática é um todo compacto. Não podemos pegar no que nos agrada e deixar aquilo de que não gostamos. Não pode haver selecções e escolhas. Ou é tudo, ou nada.

A Igreja considera-se infalível guardião da Fé, e, sobre Fé, não pode haver compromissos. Mútuo respeito pode haver e há, entre os de dentro e os de fora; mas, sem unidade dogmática, não pode haver Reunião, nem Intercomunhão. Embora Constantinopla reconheça a validade das nossas ordens, isso adianta-nos muito pouco. Significa, sòmente, que, se o princípio de "economia" puder operar, o povo ortodoxo está autorizado a aceitar o nosso ministério em circunstâncias muito excepcionais, tais como doença grave.

Mas se a Reunião está ainda muito longe, a aproximação, definitivamente, começou.

As discussões teológicas conjuntas, que têm tido lugar nos últimos 25 anos, conduziram a uma amizade sempre crescente.

Eu mesmo estive presente num Serviço na Abadia de Westminster, em 1925, destinado a comemorar o 1600.º aniversário do grande Concílio de Niceia, e ouvi Sua Beatitude o Patriarca de Alexandria, o Senhor Photius, recitando o Credo Niceno em grego.

Tais expressões, oficiais e não oficiais, de cortesia cristã, das quais alguns de nós têm tido experiência pessoal, servem para mostrar que nenhum espírito de cioso isolamento separa a Ortodoxia do Anglicanismo.

(Sermão prègado pelo Senhor Arcebispo de Armagh Dr. João Allen Gregg em Dublin, em 20 de Julho de 1954, e traduzido para a "Ecclesia" por amável permissão da Sua Graça, por D. P. C.)

LUSOGRAMAS

Está-se fazendo uma homenagem inteligente a Santo António, o do século XII, eclipsado por muito tempo pelo ídolo do século XVIII, que usou o mesmo nome, foi oficial do exército em vez de pregador, e em vez de franciscano humilde, de obesidade mórbida e palavra candente, era um silencioso e paralítico objecto a tremer nos andores e sujeito a irreverências dos supersticiosos.

— Embora o não diga, decerto por distracção, tão fácil de dar-se em labores redactoriais, o valoroso órgão "Estandarte Cristão" de Porto Alegre transcreveu de "Ecclesia" dois dos sermões do nosso prezado colaborador Rev. A. Arbiol. Gratos.

— O sr Dr. Ramiro Valadão, em sábado de Aleluia, fez uma justa referência às lutas dos católicos romanos no Oriente, por causa do Estado Português da India. Muito justas foram as suas palavras, ainda que muito discretas. Aprovamo-las.

— "Diez Minutos", revista espanhola, pequena como a nossa, mas decerto com muito maior expansão, trazia em Dezembro um artigo àcerca duma "seita protestante" (são seus termos, e trata-se duma existente também entre nós) acusando-a de ser fartamente subsidiada pelos Estados Unidos e contudo ser instrumento, inconsciente para a maior parte dos seus adeptos, da infiltração soviética. O que é seguramente certo é que o seu desenvolvimento tem assustado os elementos ultra-conservadores, e vá de fazerem afirmações gratuitas.

— Um editor consciencioso e activo, há anos vítima dum desastre trágico, Henrique Perdigão, no seu "Dicionário Universal de Literatura" (1.ª ed.) entre muitas notas aproveitáveis, reunidas com grande vantagem dos consulentes, tem a páginas 222, este dislate a respeito do "Cavaleiro de Oliveira": "Havendo já em 1746 abjurado a religião cristã para abraçar o protestantismo..." "E esta? Que descuido numa obra séria, de consulta permanente, fruto de probas diligências! Qualquer aprendiz de literatura não diria uma destas.

— Fez agora um ano que o missionário inglês Fred Squire promoveu no Estádio Desportivo de Paris uma reunião de evangelização a que assistiram doze mil pessoas. Supomos que foi "testemunho" e não "propaganda" emocional.

COISAS DA ÉTICA!

Pouco depois de terminado o nosso Curso Teológico, eu e o meu condiscipulo rev. Fiandor, fomos mandados fazer uma travessia por terras do Minho, na distribuição de 10:000 exemplares de Leituras Rápidas, edição da Biblioteca Candal, bem como visitar irmãos por ali dispersos, a principiar por Braga.

Nesta cidade, visitamos no seu **atelier** um escultor, nosso conhecido do Porto. Havia ali imagens principiadas a cavacar nos cêpos e, outras em raspagem para nova "reencarnação". O artista recebeu-nos e

falou-nos com certo agrado.

A esposa, essa, correu surrateira a colocar uns sapatos velhos e uma vassoura atrás da porta, para que o "mafarrico" nos levasse depressa embora. Porque reparamos nesta atitude, foi que o coloquio mais se prolongou, para contrariar uma superstição, ainda muito em uso.

Há pouco ouvimos de um chefe de serviço, incapaz de uma injustiça, que, ao exominar a produção e qualidade de algumas operárias, "religiosas práticas" estas lhes descreviam "figas" em cruz, nas costas, para que aquele "démo" se retirasse, deixando-as, sem canseira nem probidade, continuar o trabalho.

E o que nos parecerão muitissimos "devotos" que "só se lembram de santa Bárbara e S. Jerónimo, quando troveja?" Que na sua "devoção", ignoram que Bárbara, formosissima desde criança e temente a Deus, porém filha de pagãos, estes a mandaram martirizar pelo fôgo e, como não renegasse a Cristo, seu próprio pai, lhe decepou a cabeça. No entretanto está considerada advogada contra os raios, nu-

ma imitação da deusa mitológica Fulgara ou Fuloura, a advogada imaginada para proteger os raios. Quanto a S. Jerónimo, é de lamentar que os seus aflitos "invocadores", ignorem que foi ele quem da Versão dos LXX, traduziu as Sagradas Escrituras na Vulgata Latina, tradução na qual aastou vinte anos e que o P.e António Pereira de Figueiredo verteu para português, em cuia prefacção se lê: "De todos os livros que há no Universo, nenhum deles póde e deve ser lido com maior e mais salutar vantagem pelo género humano, como aquele que por excelência e característica distincão se chama a BÍBLIA". Desta ignorância resultou ser aceita e contagiada a supersticão de que Jerónimo é advogado para protecção contra os relâmpagos, como Vulcano é o "deus" dos raios e Sumano o advoaado dos relâmpagos nocturnos.

Como foram possíveis estas e muitas outras mais imitações do paganismo? Rocha Peixoto, erudito etnologista, em 1897, no seu livro A Terra Portuguêsa, pág. 75 explicou: "As festas populares de hoje têm de ordinário a origem nos cultos materialistas de outrora; os vários politeismos que a igreja cristã a princípio combatêra, levaram a esta muitos dos seus elementos; os santos, como as igrejas, substituiram as divindades e os templos pagãos; os mitos transformaram-se em dogmas; e, assim, a religião, obrigando-se a utilizar grande parte das superstições com que deparou, transmitiu-nos, mais ou menos obliteradas, as concepções do mundo antigo".

Ora, porque o mês de Maio é tão fértil em flores como em concepções materialistas, no seu primeiro dia, em algumas das nossas regiões, receia-se que o" carrapato" penetre nas habitações e currais, pelo que portas, janelas, frestas e fechaduras, são

defendidas por floridas giestas. Como principiaria este medroso resquardo? No livro citado, a pág. 82, é-nos dito; "Segundo a lenda, certo rei, ouvindo que tinha nascido em Bethlem um menino a quem o povo chamava o rei dos judeus, mandou que deaolassem, na cidade, todas as crianças de menos de dois anos. Marcaram a casa onde afinal souberam que se encontrava o monarca de Israel; o ramo de giestas indicaria aos legionários, manhã cêdo, a residência do infante. Mas, ao alvorecer a madrugada de Maio, por encanto e por milaare, em todas as casas floresciam as maias. Esta lenda e as suas variantes, sempre deturpadas, alcancaram a simpatia popular para as ajestas, remota e esquecida já a tradição de que génios célticos, entre elas, seduziam as donzelas".

Como se fica a saber a mitológica crendice das maias, como o mês da sua consagração, tem e continua a aumentar as suas variantes.

Não é ignorado, que o 1.º de Maio, motivado por razões escusadas de relembrar, se tornou dia de festa e-reivindicações para o operariado, aqui e ali ainda comemorado, aqui e ali já esquecido ou reprimido.

Pois, este ano, como água na fervura de alguns e panaceia nas dôres de outros, Pio XII decretou o 1.º de Maio, como o Dia liturgico de S. José—operário. Na verdade a hábil política de atracção e confusão que sua santidade vem desenvolvendo, buscou um finíssimo espelho de cristal em que se possam rever e corrigir as massas proletarias. Ponto está que estas possam vêr em José, desposado que julgando-se traído por Maria Virgem, pensou em passar-lhe "carta-de-repudio", mas angelicamente esclarecido de que nela se cumpriam as profecias

das Escrituras, como o que nela se gerava era Obra do Espírito Santo, segundo a versão do Novo Testamento, pelo P.º Matos Soares, em S. Mateus, 2. 24-25, recebeu (Maria como) sua esposa. E não a conhecia até que deu à luz seu filho primogenito; e poz-lhe o nome de Jesus.

Ha-de ser um pouco dificil, no ambiente de paganismo em que se gravita. Não o será, se se procurar influenciar a conversão da alma pela prática do Evangelho de Cristo-Vivo. Mas como se ha-de desenvolver esta tão salutar prática, se um dos nossos melhores escritores e oradores contemporânios, em elevada assembleia, teria dito que se falhasse entre Portugal e Brasil o Tratado de amizade e consulta luso-brasileira, o Cristo do alto do Corcovado, à entrada do Rio de Janeiro, e o Cristo-rei, em fundição, na outra banda de Lisboa, se abraçariam!

Tal retórica ultrapassou os limites da metáfora, pois os dois gigantones de cimento armado, não cruzariam a pé o Atlântico, como CRISTO, o Unigenito-Filho-de-DEUS, atravessou o Tiberíades, ou mar da Galileia, para se ir juntar aos seus discipulos.

Coisas da ética!...

Rev. A. Pereira Araújo



A IGREJA LUSITANA E A ALIANÇA EVANGÉLICA

Informados pelas circulares que tem sido distribuidas aos obreiros protestantes e pela correspondência particular delas derivada, queremos por nossa vez informar os leitores deste órgão oficial da Igreja Lusitana que ela não está representada nem tem "intérpretes" junto da Aliança Evangélica Portuguesa cuja estrutura, no entender de boa parte dos clérigos da referida Igreja, foi de há muito ultrapassada pelos sucessos; e não pode, nem pelos seus meios de acção nem pelo uso que deles está fazendo, ter afinidade com ela.

LAUDA POÉTICA

NA VOSSA DOR

(Ao meu amigo e sr. José Pereira de Pina Cabral por ocasião da morte de seu Filho, o sr. Capitão-Tenente Daniel Pereira de Pina Cabral):

Resignação!... Foi Deus que assim o quis; O Mundo não é nosso, é emprestado, Agora, que cumpriu todo o seu fado, Decerto, lá no Céu, vai ser feliz.

> Resignação!... O Mundo inteiro diz, Ao ver-vos morto um filho idolatrado, De todos tão querido e tão chorado, Que não há dor igual à que sentis.

A morte é sempre assim, sempre um desgosto.. Vejo o pranto correr-vos pelo rosto, E sinto a dor do vosso coração!

> Por isso, nesta hora de saudade, Vos digo com respeito e amizade: «Tende mais uma vez Resignação!»

V. N. de Gaia, 22 de Abril de 1955.

Vietor Sampaio

Ao bom Poeta querido, Que tão bem sente esta Dor Do meu coração ferido, Devo mil provas de Amor. Amigo reconhecido,

José P. de Pina Cabral

(Transcrito de "O Comércio de Gaia")

O Livro e os Livros

CONTINUAMOS a analisar **Livros** no espírito do **Livro**. Hoje referiremos alguns poucos opúsculos ultimamente chegados à nossa mesa de redaccão.

Está publicado o opúsculo do Rev. Pinto Ribeiro, "Os Cristãos Evangélicos e a Bíblia", cujo texto não publicamos antes da sua saída independente, para não lhe prejudicar o valor. Escrito em português terso, do seu merecimento nos falam os capítulos que o constituem: "A Reforma e a Bíblia", "A Interpretação da Bíblia", "A Catolicidade doutrinal dos Protestantes", "Princípios de uma recta interpretação da Bíblia", "Como evitar os que torcem as Escrituras?", e uma nota final sobre a unicidade da Bíblia e as suas versões em português.

- Recebemos um interessante relatório da Sociedade de Beneficência Evangélica, do Porto e Gaia, que representa muita dedicação e muito esforco de alguns poucos cristãos evangélicos, principal e inicialmente da Igreja Lusitana. Chamou-nos a atenção a maneira como aí se insiste em chamar "episcopal" à Igreja Lusitana, e isto com a responsabilidade de membros seus, que sabem não ter ela esse título, e não ter, evidentemente, como outros terão, o objectivo de se igualar a uma qualquer seita cristã, partidária da divisão, e orgulhosa das suas diferenças. Episcopal é adjectivo referente a um bispo ou bispos: como em "trajo episcopal", "cátedra episcopal", "carta episcopal". Em eclesiologia há uma escola presbiteriana (e há igrejas que assim se chamam por vontade própria e velhas tradições, que devemos respeitar) e há uma ou duas escolas episcopalianas: a do episcopalismo integral e a do moderado ou metodista (e há também igrejas que adoptam oficialmente como título esse episcopalismo). A nossa Igreja não existe pelo episcopalismo, mas por um conjunto de princípios de que deriva a existência das três ordens do clero entre outras veneráveis tradições. É metonímia errada tomar aqui a parte pelo todo ou o efeito pela causa. A Igreja Lusitana não é uma seita que inventou os bispos, à última hora, como outras inventaram certas coisas, por sua exegese particular. É a Igreja dos Portugueses, expurgada

de inovações não consentâneas com a Palavra de Deus e respeitadora de tradições a que a Palavra de Deus não põe óbice. O que é genuinamente episcopal está dentro dela; mas ela não pode estar toda dentro dum dos seus princípios e tradicões.

— O operosíssimo escritor António Álvaro Dória deu-nos agora a satisfação de ler uma substanciosa e documentada crítica de — O "Frei Luis de Sousa" como obra de Arte — , uma trintena de páginas densas de pensamento profundamente instrutivo. Contra opiniões levianas acaba por nos dizer: "a obra célebre a tudo resistirá, como a tudo resistiu a Divina Comédia, como a tudo resistiu o Dom Quixote".

— A "Liga Portuguesa de Profilaxia Social" enviou-nos mais um op. da sua laboriosa editoração: "Assistência Post-Asilar", por Isaura Correia Santos, conferência que esta distinta escritora e iornalista leu no Clube Fenianos Portuenses. Esta senhora, apesar de católica-romana, estrita, como supomos que seja, pois nos devolveu um número da nossa revista que levava a indicação de "oferta" e fora precedida de prévia apresentação ao nosso director, por um comum amigo, apesar disso, dizemos, faz o elogio caloroso da obra protestante e tolerante "Os Lares do Dr. Bernardo", que aos seus numerosos filhos adoptivos "não impõe este ou aquele credo e os acompanha para além da infância, para que sejam úteis elementos sociais". Lamentamos não poder tornar conhecido da ilustre senhora o nosso aplauso, pois nos sujeitariamos a nova e ineficaz devolução.

Esperamos em breve fazer referências a outras publicações recebidas, entre as quais apontamos:

"A Lepra e os Leprosos" pelo Dr. Artur C. Groth;

"O Mal do Modernismo", por W. Anglin; "A Senda do Calvário", por Roy Hession; "O Caminho do Rosário", por Lillian Ekstedt;

"Duas Figuras Portuguesas em Obras Inglesas", por António A. Dória; "Córos Evangélicos", 3.ª edição, de K. Cox; e "Cânticos do Coração" por G. W. Oliveira; "O Deus Vivo", por T. A-S.

"Bulletin of the United Bible Societies", n.º 21 e 22, publicação muito apreciável.